A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 45 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO R. D. PEDRO V-18 TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM TODA A PROVINCIA COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

## Um sabio ou um politico na Presidencia da Republica?

O glorioso almirante, indigitado para a Presidencia, está tão longe de a aceitar como do firmamento que ele mede com o seu aparelho... O seu bom riso é a melhor resposta aos pedidos dos politicos, os quais não conseguirão mais do que, como na estampa, "vê-lo por um óculo..."

O DOMINGO ilustrado

ANO I LISBOA 22 DE NOVEMBRO DE 1925 N.º 45
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 12—Tel. 651 N. – CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

## ECOS

### As arvores que se enganaram

No Campo Grande ha duas arvores que se enganaram. Agora que as aleas de olaias começam a estar frias, e os esgalhos se erguem para o ceu, nús e desolados, duas arvores—duas só!—começaram a florir e a deitar folhas verdes. Enganou-as o sol dum dia.

Tal como certos corações que a fugitiva chama duma hora parece reanimar—as arvores floriram. Mas ao primeiro vendaval as flores cairão—e será, então, infinitamente maior a sua tragedia. Antes nunca tivessem florido, e erguessem para o ceu os troncos nús!

### A morte do palhaço

Ninguem sabe ao certo de que morreu Max Linder.

Na pequenina sala da Rua Helver, o seu cadaver tinha a tranquilidade de quem dorme um somno bem ganho. O homem que vivia do bom humor dos outros—nunca soube rir.

Era um neurastenico terrivel.

### A Rainha descalça

Ilda Fernandes, que vive no seu trono de hortaliça e de fructa na Praça da Figueira, retomou os seus habitos antigos. Ontem via-a a subir o Chiado, chinela fresca no pé nú, com duas companheiras alegres.

A corada e linda — mais bela mil vezes do que no dia da coroação.

Sobre o cabelo negro, caía-lhe o lenço despreocupado. Melhor do que todos os diademas, o Sol, punha-lhe na testa uma mancha de luz. O povo passava indiferente á sua volta. Apenas os olhos dum marujo se cravaram nos dela. E, na sincera volupia com que a envolveu no olhar, não havia o pensamento interesseiro do enxoval da Casa Africana...

### A descasca do «Faraó»

Os egiptólogos continuam ás voltas com a infeliz mumia de «Tut-Ank-Amon, o encantado principe do Egito que morreu ha seis mil anos na paz do Senhor, e, sem a menor tenção de vir a encher as atenções dos Homens de sciencia no ano de 1925 da era cristã.

Depois de lhe violar a sepultura... e todos os objectos de oiro que por lá estavam, acordaram os ilustres medicos, scientistas e mais pessoas, em ver o que o «faraó» tinha por dentro.

Até á data já lhe encontraram costelas de oiro batido, figado de pedras preciosas, garganta de prata e, segundo dizem as gazetas, teem os investigadores grande esperança em topar o coração, que, segundo a lenda, deve ser de oiro...

Tudo isto tem causado o assombro do mundo inteiro e dá razão aos cronistas de ha seis mil anos que diziam que o «faraó» valia uma fortuna!

Que se dirá quando, daqui a dez mil anos, os scientistas descobrirem um corpo sepultado em 1925?!

Devem dizer bonitas coisas, mas não ganharão um vintem com a descoberta.

DISTRAÇÃO

—Senhor! E' um menino.
—Que espere na sala!

# Má língua

## Uma novela sentimental completa

I

ELLE

*—Elle—era um rapaz alto, muito serio,*
*burocraticamente acorrentado*
*aos poeirentos deveres de empregado*
*numa Repartição dum Ministerio.*

*Nunca uma leve sombra de mysterio*
*no seu claro viver tinha pairado;*
*nunca nenhum amigo desregrado*
*o desviou para um rumo deleterio...*

*Discréto no vestir, sempre sisudo,*
*pontual no seu emprêgo como em tudo,*
*—o fumo era o seu vicio conhecido.*

*Um homem grave, pallido, bisonho,*
*que pela ausencia de illusão ou sonho*
*tinha trinta annos, sem os ter vivido.*

II

ELLA

*—Ella—era uma excellente creatura*
*que desde pequenita trabalhara.*
*geitosinha do corpo. Mas a cára,*
*não devia lá muito á formosura.*

*Se não tinha alegrias, a amargura*
*tambem nunca, impiedosa, a amargurára;*
*elle ha gente que vive e que não repára*
*que a vida ás vezes é bastante dura...*

*Namorados? Paixões? Nunca tivéra.*
*Nunca cedêra a uma vertigem louca,*
*nem se entregára toda a uma chymera.*

*Sereno, quasi frio, o seu olhar*
*coroava o sorriso de uma bocca*
*que ninguem, nunca, procurou beijar.*

III

O ENCONTRO

*Moravam ambos perto do Intendente*
*no mesmo andar de um prédio de inquilinos;*
*o accaso, achando eguaes os dois destinos,*
*cuidára de aninhal-os egualmente.*

*Ao principio, uns «bons dias», muito finos...*
*Eis que a mãe d' – Elle— adoêce gravemente,*
*e que – Ela – , num disvélo permanente*
*lhe atalha a rude crise de intestinos.*

*Hora prosaicamente dolorosa...*
*Firmou-se uma amisade respeitosa,*
*luz de alvorada em penumbroso tédio.*

*Uma offeição sem febre e sem mentira*
*de almas eguaes que a vida reunira*
*no mesmo patamar do mesmo prédio.*

IV

EPILOGO

*Já daqui se prevê a ingénua trama*
*de um romance trivial e comesinho,*
*mais feito de ternura, de carinho,*
*do que de lava, e tempestade, e chamma.*

*Amor nascido á beira de um caminho*
*que de folhágem sêcca se recama;*
*aves humildes enfeitando a rama*
*com a ventura humilde do seu ninho.*

*Amor—commodidade,—amor banal*
*sem nenhuma belleza original*
*que no seu desenlace se resuma...*

*Mas não. Não foi assim. Soube depois*
*o imprevisto desfecho. - Entre estes dois,*
*nunca chegou a haver coisa nenhuma.*

TAÇO

# questão prévia

INSTALADO incomodamente numa destas defluxeiras, que só não é de se lhe tirar o chapeu para não me constipar mais, não dei por que em volta de mim ocorresse facto saliente ou sumido, que mereça ser esgravatado com a ponta aguçada da cronica. A verdade, é que, olhos mortiços e chorosos, o nariz vermelho e pingante, a constipação traz-me alheado da vida ambiente, como encerrado numa campanula de vidro, e os unicos ruidos que distintamente consigo ouvir, são os meus espirros e uma tosse de que tirei patente de exclusivo, tosse horrivel que congestiona, sufoca, e como o chefe das direitas democraticas, Silva.

Este isolamento forçado, que me deixa vêr os meus semelhantes movendo-se na vida, mas que me não permite ouvir as hipocrisias com que mutuamente consolidam a fraternidade humana, leva-me naturalmente á meditação, porque uma defluxeira valente, com a sua pontinha de febre, é uma especie de Cartuxa donde sómente se sai pelo suadoiro e pelos sinapismos.

E medito, assoando-me com frequencia, sobre a fadiga esteril que traz palida a multidão apressada que circula nas ruas, á cata do pão quotidiano e, penso, como nós, miseros homens, estragamos irremediavelmente a vida com as nossas ancias de Prometeus de trazer por casa.

Pois não teria sido melhor, já que caimos na tolice de descer da arvore onde eramos o simio irresponsavel, mantermo-nos na vida despreocupada e natural das cavernas, caçando e amando as femeas felpudas na espessura dos bosques, sendo animalmente naturais, bastando-nos estender a mão ou atirar a estaca aguçada contra o peito dum urso, para termos o bife e a sobremesa assegurados? Para quê, toda esta inglória tarefa em que vamos lutando pelo alimento, ao sol, á chuva, á neve? Para quê, este estupido afadigamento, que nos debilita, nos faz doentes e nos torna em desengonçadas caricaturas do animal forte e de boas linhas, que foi o homem na idade feliz em que não havia ainda escritorios, nem repartições, nem defluxeiras, nessas eras remotas em que os Leitões não eram de Barros e as Baratas não eram Martins e em que, portanto, não existiam «Domingos Ilustrados» e consequentemente as cronicas não eram exigíveis?...

Ah, pudesse eu regressar a esses tempos ditosos e bárbaros em que um buraco na rocha e uma pele de animal bravio bastavam ao homem para se defender das constipações, e não estaria certamente aqui, de olhos mortiços e pingo no nariz, curvado sobre um bloco de papel, a gravar laboriosamente esta cronica. Quando muito, estaria sobre um bloco de granito, soberbo e em pêlo, a proclamar na rudeza dos meus grunhidos informes a magnifica independencia do homem perante o defluxo, do homem que hoje é escravo das gabardines e doutros abafos, e feudatorio dos medicamentos mais ou menos terminados em «pirina».

Feliciano Santos

## ECOS

### André Brun

Como prometemos começa hoje *O Domingo ilustrado* a publicar a colaboração efectiva do eminente comediógrafo e humorista André Brun, figura de rara saliencia nas letras da nossa terra.

O superior espirito da sua inconfundivel prosa, que tantas leitores tem, será mais um grande atrativo deste jornal. Que seja bemvindo pois, André Brun.

### O conde de Sabugosa e a rainha D. Leonor

Muitos jornais comemoraram uma longinqua efeméride respeitante á excelsa figura feminina da historia patria. E' porém lamentavel que se esquecessem de que esse recente prestigio que rodeia a fundadora das misericordias é obra desse investigador elegante e erudito que foi o palaciano conde de Sabugosa. A ele realmente se deve, com a obra *Rainha D. Leonor*, a reposição historica da grande benemerita que injustamente os pseudo-historiadores acusaram de crimes infames.

### Policia de turismo

Em varios paizes, e entre êles, a Suissa e a Dinamarca, existe uma policia especial—a de turismo.

Pessoas de toda a idoneidade moral e social recebem uma credencial no sentido de policiar gratuitamente e acidentalmente as ruas. Têm auctoridade para punir os pequenos delitos, limar as pequenas arestas que surgem na vida das ruas, nas grandes cidades, conseguindo assim um retoque ultimo na fisionomia urbana. Não recebem por esse serviço, é claro, remuneração alguma. A sua intervenção é respeitada, e o seu conselho seguido. E, quando o não seja, a apresentação do seu cartão a um agente é suficiente para manter uma detenção. Seria impossivel em Lisboa completa a acção do dr. Teixeira Direito com essa brigada do bom senso?

O HABITO

—Profissão?
—Lente de gramatica da Universidade!
—Sabe lêr e escrever?

# HUMORISMO

SOB A CINZA DO TÉDIO—por Fidelino de Figueiredo.—(Lisboa, 1925).

Para não demorar mais uma agradecida referência à última obra de Fidelino de Figueiredo, sou forçada a amesquinhar essa obra, fazendo-a descer à minha compreensão de momento.

«Sob a cinza do tédio» não é apenas um livro; é o esbôço, o plano de muitos livros. Não é apenas a história duma alma, a autópsia duma consciência, o desarrumar duma ideologia, porque é qualquer cousa de menos restricto e pessoal. Na biografia spiritual de Luís Cotter, que é bem o homem do seu século, o civilisado escravo das máximas inquietações e de torturantes dúvidas, muitos leitores encontrarão meia dúzia de linhas que se aplicam perfeitamente ao seu próprio problema, que talvez o solucionem.

O pensador Cotter é um espírito de eleição, um mártir da Idéa, um deus fundador duma alta moral filosófica, porque é um personagem irreal em quem Fidelino de Figueiredo consubstanciou tôda a sêde de perfeição, tôda a ânsia de bondade, de amôr, de paz e de fraternidade, que florescem em qualquer alma superior e no pensamento de todos os que um dia se julgaram capazes de semear idéas e de prègar novos evangelhos.

Fidelino de Figueiredo, em pleno apogeu da sua admirável vocação crítica, depois dum exaustivo labor intelectual a que devemos mais duma dezena de obras, quís marcar o fim do seu bem aproveitado dia — e o início duma nova hora de produção literária —, deixando o seu espírito aquietar-se, irmanando-se, em resignada melancolia, com o de alguem que morreu sufocado sob a cinza do tédio, sentindo a negativa potência do valor intelectualista sôbre a acção calma e utilitária.

Como Luís Cotter, Fidelino de Figueiredo, incompatibilizado com a mediocridade, atingido pelo que chama «o morbo filosófico», estrangeiro no meio onde vive, possuidor duma visão crítica angustiosamente lúcida, tendo evitado cristâmente o diletantismo erudito para vir integrar a sua inteligência na grande obra do aperfeiçoamento humano—, poderá sentir, justificadamente, a necessidade de cerrar os olhos perante a desolada paisagem social onde o Destino o colocou.

Mas quem conheça intimamente a sua obra crítica, quem tiver compreendido o valor que o eminente ensaista atribúi ao significado moral de tôda a actividade literária, adquire logo a certeza de que, enquanto Deus o permitir, a sua mão não se cansará de espalhar, pelas geiras maninhas destas gerações que despontam, a simbólica semente da Verdade e do Bem.

Tereza LEITÃO DE BARROS

*LEIA NO PROXIMO NUMERO*

CRONICA ALEGRE DE HENRIQUE ROLDÃO

TEMPO AO TEMPO

*—Conheci uma viuva que morreu no mesmo dia que o marido?*
*—Como foi isso?*
*—No mesmo dia mas dez anos depois!*

# crónica alegre

## À MANEIRA DE PREÂMBULO

Uma gazêta da tarde, celebrando com os trópos devidos o aniversario da morte de Sacadura Cabral, concluía dizendo que os homens de acção como êle eram os unicos a sacudirem Portugal da «apagada e vil tristesa» em que vegéta de longa data.

A tristêza é sempre triste; mas, quando acresce que seja «apagada e vil» e néla se fale como um mal incuravel, é caso digno de ponderação e estudo.

Somos um povo apagado e vilmente triste. Mas porquê? Embora a muitos pareça tolice, dir-vos-ei que tristêza e alegria são, principalmente questão de meio e de educação. Muita vez tenho pensado que o meu fundo de optimismo, a minha perpétua confiança na vida apesar de todas as desilusões que ela oferece, o meu bom humôr, enfim, tudo isso devo a ter nascido numa casa alegre. Meu pae trabalhava todo o dia cantarolando, minha mãe tinha a proposito de tudo ataques de riso infindaveis e eu cresci, formei o meu espirito numa atmosféra de boa disposição, que tratei cuidadosamente de conservar sempre em torno de mim.

Noventa e cinco por cento dos portuguêzes provêm de paes que, não sabendo rir, detestam que as creanças riam alto e passam os dias a gemer deante delas sobre as pequenas e futeis miserias da vida. As escolas são tristes, as casas são tristes, as ruas são tristes. Evidentemente neste meio o povo tem que ser duma tristêza apagada e vil. Mas não se conforma com isso, creiam. Haja em vista a furia com que ele se precipita para os teatros onde o divertem e fazem rir quasi á força.

E se nós reagissemos metodicamente contra esse mal por tantos apregôado incuravel? Comecemos por crear nas escolas cadeiras de alegria. Porque se ha-de ensinar aos meninos algebra e topografia e não se lhes ha-de ensinar a procurar nos factos, nos sentimentos, nas circunstancias da vida o lado «menos peór? Porque não se ha-de proporcionar ás creanças, a par da historia e da aritmética, uma filosofia amêna que os habilite ao riso?

Se eu fosse dictador proíbia durante dez anos nos teatros, os dramas, melodramas e tragedias. Mandava apreender nas livrarias todas as obras lamêchas e lacrimogeneas que nelas abundam. Por uma nova lei de imprensa forçava as gazetas a publicarem cada dia pelo mênos cinco colunas de boa laracha portuguêsa. A propria secção de necrologia havia de ser redigida com o seu quê de patusco. Todo aquêle que inventasse ou praticasse qualquer meio de aborrecer os outros, levaria chibatadas na praça publica.

Dir-me-ão se, com estes meios simplistas, eu tenho a pretensão de abolir o sofrimento, eterno como o mundo. Evidentemente não. Os alegres sofrem como os tristes. Sofrem, porém, dum modo diverso e não se instalam na amargura. Mais facilmente lhe resistem e melhor encontram meios e motivos de consolação. Vêm mais claramente a pouca importancia de certas magoas e desprezam-nas.

E da Alegria nasce o Trabalho exercido, não como uma escravidão contra a qual todas as revoltas parecem justas, mas como uma função natural e necessaria ao equilibrio fisico e moral. Já que falámos em fisico, vem-se fazendo ha anos entre nós um grande esforço no sentido de o melhorar. Vulgarisaram-se os desportos. A gente nova faz a deligencia por crear musculos. Porque se não ha-de fazer um esforço similar para tornar saudavel o espirito, principalmente pela Alegria?

Bem hajam, portanto, as rarissimas gazetas de Portugal onde o humorismo escrito tem acolhimento. Agradeçam-lho os leitores. E' um passo dado, que precisa ser ajudado e completado por outros. Já é alguma cousa.

## FALAR BEM

Ontem, pelas sete horas da tarde, havia no Rocio o costumado assalto aos carros do Gomes Freire. Já estavamos quinze na platafórma, quando uma senhora da categoria das pesadas conseguiu trepar ao estribo e daí para cima. Nas suas experiencias violentas contra as leis da impenetrabilidade da materia pisou sem dó e com oito arrobas, pelo menos, o melhor calo de certo cavalheiro que já estava, como eu reduzido á espessura duma mortalha de cigarro.

O padecente fez uma carêta horrivel, abriu a bôca e todos nós nos encolhêmos á espera da palavra, que êle afinal não disse. E' que perto estava um policia cheio de bigodes e, lembrando-se do tribunal dos pequenos delictos, a victima da madama gorda apenas murmurou entre dentes:

—«Ora... trezentos e noventa escudos!...»

## AS ULTIMAS INVENÇÕES

As senhoras não são unicamente victimas de grosserias e impertinencias faladas. Ha atrevidos que se exprimem por gestos. No cinêma, por exemplo. A favor da escuridão, ha certos joelhos que bem mereciam uma bofetada na cara. Por isso, uma senhora das minhas relações, que tem cinco filhas, todas amadoras das *matineés* da moda, adotou, como precaução, a ultima invenção preconisada pela *Liga da Moralidade das Ruas*. Trata-se simplesmente dumas ligas que, em vez de terem como enfeite um laço, uma flor artificial ou uma cabeça de Pierrot, têm uma campaínha electrica. Se um joelho audaz se aproxima demasiadamente, o aparelho toca

A senhora, como disse, tem cinco filhas e cada uma usa ligas de timbre diferente:

— «Então que tal se tem dado com o sistema? perguntei-lhe ainda esta manhã.

—«Deixe-me cá! A's vezes não sei para onde me hei-de voltar. Parece um corredor de hotel, com os hospedes a chamarem o creado todos ao mesmo tempo.

## ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS

Ser fiel a uma mulher é relativamente facil. Dificil é sê-lo a várias ao mesmo tempo.

* * *

A vida é o primeiro hábito que se toma e o ultimo que se perde.

* * *

A pobrêsa é um crime punido com trabalhos forçados.

* * *

Sabe-se porque a mãe dos homens não resistiu á serpente. E' porque esta teve artes de a convencer de que Eva era a unica mulher interessante do Paraíso.

* * *

As pessoas que ligam grande importancia a si próprias são, em geral, as que se preocupam com cousas insignificantes.

ANDRÉ BRUN

MAIS VALE TARDE ...

*—Até que emfim vejo um homem aos meus pés!*

# Sports

## ...um pouco de tudo

### Os profissionais de Imprensa e os clubs de Foot-Ball.

Afinal de contas prova-se, que nós, os que trabalhamos na imprensa, em nada servimos os interesses do sport! Pelo visto, as nossas paginas, as centenas de colunas que sobre o sport se escrevem em tantos jornais, nenhuma importancia merecem ao Sporting, Bemfica, Belenenses e União.

O sindicato dos profissionais de imprensa, legitimo representante da classe numerosa dos trabalhadores de jornais, pensou em realisar um desafio entre as selecções de Madrid e de Lisbôa.

A Associação de F. de Lisboa numa justa comprehensão dos altos fins a que visáva o encontro, foi favoravel á ideia. Mas, os chamados grandes clubs «não vão nisso».

Triste é registar a falta de tacto, e a falta, sobretudo, de elevação, que tal atitude revela.

O sindicato de profissionais é uma agremiação que deve merecer a simpatia de todos os portuguezes patriotas.

A sua grandeza representa uma conquista de progresso. E, mais do que nunca é preciso que todos—todos!—com bom senso nos unamos, para que as nossas instituições se elevem e ocupem o justo lugar que merecem.

### A eterna questão do profissionalismo no foot-ball

Nos jornais sportivos e especialmente no «Sporting» do Porto, continua acesa a discussão sobre o problema eternamente na ordem do dia—o profissionalismo no foot-ball.

São cartas e mais cartas.

Agora o sr. Mario Duarte, acusado pelo sr. Pinto da Costa de ter aceite um lugar para outro club, vem declarar que aceitou o lugar, mas que isso não é profissionalismo. Afinal ha o direito de perguntar apenas: Em que ficamos?

Constitue o foot-ball, de facto, um espectaculo social, e, como tal, ha o direito de preparar individuos especialmente para esse fim? Ou não, e trata-se apenas dum sport que «diverte» o publico, e que «por acaso» pode ás vezes deixar ás entidades organisadoras uma centena de contos?

O que é essencial, é esclarecer—e não transformar com hipocrisia numa «questão», o que deve ser apenas um problema a discutir.

### O desafio sensacional Bemfica-Sporting, hoje, no Campo Grande

O encontro de hoje, das 1.as categorias dos dois clubs lisbonenses de melhores tradições, o Sporting e o Sport Lisboa, marca no campeonato como a pedra de toque, da qual depende em grande parte as classificações secundarias e, digamos mesmo, o «entrain» e o entusiasmo de muitos desafios.

Não fazemos os prognosticos do costume. Seja-nos porém licito apontar a grande linha activa do Sporting, que deve marcar pelos seus processos firmes e pela sua convicção de sucesso, o que não é de forma alguma indiferente no «association».

A linha, com Leandro no lugar de João Vieira, e indo de novo Joaquim Ferreira á sua posição, apresenta-se em completo estilo.

O Sport Lisboa e Bemfica, com a sua expressão fogosa e popular fará um esforço para manter a grande tradição daquela casa de sport. Quanto a nós, o seu esforço, mesmo honesto e evidente como se espera que seja, não deve prevalecer sobre os ataques dos seus antagonistas.

A propria transição de club que dá á 1.a linha do Bemfica o bom elemento, folgado e seguro que é Bailão, augmentando as probabilidades dos vermelhos, não é suficiente para modificar a espectativa imparcial do desafio.

### A II volta ciclista de Lisboa

Eis uma prova em que não ha dificiencias tecnicas a assignalar, e cujos resultados, atendendo ao tempo, ás estradas, e a uma serie importante de circunstancias, não foram tão baixos quanto se esperava. Além da bôa prova do vencedor, outros houve como a de João Roque e Alfredo de Sousa, que marcaram bem.

Na prova meninas, D. Clara Bermudes, fez o percurso em 1 h. e 38 minutos, o que foi um resultado satisfatorio.

### O DOMINGO *Ilustrado*

VAI ORGANISAR UMA PROVA DESPORTIVA

Brevemente daremos aos nossos leitores a noticia de uma prova atletica que vamos promover, prova que ha muito se não realisa em Portugal e que por certo vai despertar um formidavel interesse entre os nossos homens de sport.

## OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

PORTO, 17.—Não foram concorridos, como habitualmente, os desafios de domingo passado. E, aqueles que temendo a chuva deixaram de ir ao campo do Bessa, não perderam nada com isso... antes pelo contrario. O 1.º encontro da tarde Leixões-Povoa, não terminou porque o arbitro julgou, e muito bem, o terreno improprio para a continuação do jogo. Nos 45 minutos gastos pelos 22 homens a correr atraz da bola, nenhum dos grupos conseguiu marcar.

Uma vez que o campo tinha sido considerado improprio para nesse dia se efectuar nele qualquer encontro não comprehendemos muito bem qual a razão porque se realisou a seguir o Porto-Progresso. Porem, embora o caso não seja explicavel, o sr. Neves Eugenio deu começo ao jogo e lá o foi conduzindo melhor ou peior, por vezes debaixo de aguaceiros torrenciais, que tiraram ao jogo todo o interesse e não deixaram a qualquer dos grupos praticar o que seria natural em ocasiões normais. Assim, depois de um jogo desordenado e sem brilho, em que só se distinguiram as defezas de ambos os contendedores, terminou 0-0 um encontro que encheria o campo do Boavista se o tempo favorecesse.

Excluindo, como já dissemos as defezas, não é facil dizer quem actuou bem ou mal. Como é natural, com um tempo como o de domingo, distinguem-se sempre os homens mais pesados. Os outros, andam constantemente a caír, e assim sucedeu, em poças nas quais é quasi possivel nadar.—C.

## O DOMINGO *ilustrado*

### Vae brincar com os sports

JÀ NO PROXIMO NUMERO DAREMOS A CRITICA ALEGRE DO DESAFIO SPORTING-BEMFICA

Jornaes de sport ha tantos... que é preciso fazer qualquer coisa de novo para se obter as atenções dos «sportmen»! Ha anos, quando apenas um ou dois jornais da especialidade, davam á causa do «sport» o interesse jornalistico, era facil conseguir a leitura dos homens que pelo atletismo se interessavam.

Hoje, que os jornais «sportivos» pululam e os periodicos de grande tiragem dedicam paginas inteiras ao sport, tornam-se o noticiario, a critica e o relato muito mais dificeis porque carecem de uma oportunidade absoluta, e os leitores, dividindo-se, não podem alimentar a vida do jornalismo. Assim, resolvemos fazer o que ainda ninguem fez—«A critica alegre» dos trabalhos «sportivos». Todas as semanas daremos aqui, o relato humoristico do desafio de «foot-ball», do campeonato de natação, do concurso hipico, do combate de box ou do desafio de jogo de pau.

Sem molestias para ninguem (aqui fica o aviso) não pretendemos visar personalidades nem colectividades que, dada a nossa comprovada imparcialidade, merecem todas a nossa maior simpatia.

Brincar sem agredir, fazer rir sem magoar é a nossa divisa e, quem quizer vêr o contrario nas nossas «Criticas alegres» fará uma tremendissima asneira!

«Até domingo»!

### ESTADO ATÚAL DO CAMPEONATO DE LISBOA, NA DIVISÃO DE HONRA

1.º Sporting 12 p.—2.º Belenenses 11 p.
3.º Bemfica 9 p.—4.º Carcavelinhos 8 p.
5.º União 8 p.—6.º Victoria 8 p.
7.º Casa Pia 4 p.—8.º Imperio 4 p.

á sucapa...

## o momento teatral

á sucapa...

### O antraz da "Miragem"

Chegou a constar que a peça a «Miragem» tinha sido retirada de scena do Nacional pelo facto do publico, não comprehendendo ou não sentindo o espirito da peça, não afluir á bilheteira. Afinal agora sabe-se que o Nacional fechou apenas por causa do antraz do actor Luiz Pinto.

Não somos pessimistas, mas intimamente estamos convencidos de que as pernas daquele nosso bom amigo não chegarão para os antrazes precisos a toda a época...

### O esforço das emprezas

E' indiscutivel que as emprezas teatrais de Lisboa estão fazendo um esforço notavel no sentido de montarem as suas peças com os melhores requesitos de agrado.

Em compensação injusta o publico foge dos teatros. Pregunta-se onde está esse publico antigo que mantinha em scena uma peça trinta noites seguidas. Pregunta-se e não se responde.

### A arte de ter um bom padrinho

Uma menina, de quem desconhecemos o nome, teve a habilidade de conseguir que a semana passada, contra o que diz a lei e fóra de qualquer previlegio previsto pelos diplomas da Inspecção dos Teatros, se reunisse extraordinariamente o juri dos exames para actores e actrizes da Escola da Arte de Representar, só, unica e simplesmente para prestar as suas provas!

Tal a influencia que, fóra do prazo, fóra de todas as normalidades, se consegue uma d'estas! Pois amigos, o que a «alta influencia não conseguiu foi dar habilidade á candidata que fez uma prova tão catita, que o presidente do juri pediu substituto para a segunda parte do exame e isso... porque parece que a dita senhora tem de ser aprovada por força!

### Teatro Maria Vitoria

**RATAPLAN**

A revista que maior sucesso tem obtido este ano, a mais bem desempenhada e a melhor apresentada. Scenario e Guardaroupa luxuosos.

SEMPRE NUMEROS NOVOS

### Gil Ferreira

*vai inaugurar o Teatro do Gymnasio. E dizemos inaugurar porque o novo Gymnasio em nada se parece com o antigo, e a nova companhia, se exceptuarmos a gloriosa Barbara Volkart e o Alegrim saudoso, é outra tambem.*

*Gil Ferreira, centro comico de primeira ordem, e generico-caracteristico de alta comedia e drama, é um actor novo e de nome feito.*

*Como director ainda o não conhecemos. Mas é moço, trabalhador honesto e impecavel de probidade artistica. O seu passado é uma garantia.*

*Esperemos que o seu caminho seja feliz e que as suas grandes e indiscutiveis qualidades de actor se repitam na orientação da sua gerencia.*

*A sombra da grande actriz Palmira Bastos é boa.*

*A nova sala de espectaculos, em cujo local outra tão simpatica existiu, tem todas as condições para agradar ao publico de Lisboa. Oxalá uma boa época de brilho tenha lugar. Oxalá Gil Ferreira veja compensados os seus esforços e a sua honestissima vontade de bem cumprir.*

## «TREMIDINHO»

### Fala a serio sobre uma peça que faz rir

«Tremidinho» que ri sempre, pois esta vida são dois dias e não vale a pena a gente ralar-se—chegou de Paris e foi ao Politeama. São dêle as palavras que seguem—e são excepcionalmente a serio.

—Vi o espectaculo que Amelia Rey Colaço dirigiu no Politeama: «Jeunes filles de Palace».

E' uma comedia amoral, onde sob a camada superficial de aspectos frivolos se encerra talvez uma das maiores verdades contadas ultimamente nos palcos latinos. Com «toilettes» famosas e trocadilhos de espirito nunca vi apresentar-se uma tese tão solida.

Estes senhores francezes que se representam no Politeama, atingem entre sorrisos o que o velho teatro de Brieux atinge entre bocejos.

Junte-se á «trouvaille» do thema, a elegancia suprema de Amelia e o seu gosto segurissimo como Directora—e é consolador vêr como a «soirée» das «Raparigas d'hoje» resulta europeia e surprehendente, nesta Lisboa de eterna e monotona pobresa.

Sahí de lá com a certeza de que não temos o direito de descrer em absoluto das nossas faculdades de realisadores de teatro.

O grupo que gira em torno do casal Amelia-Robles—cheio de frescura, de mocidade, de real elegancia, e representando, em verdade, superiormente—honra-nos.

Uma anedocta graciosa e feliz como esta, posta em português com o senso e o inimitavel pitoresco de Avelino de Almeida—e valorisada ao maximo pela «mise-en-scène»—transformam-n'a eles num grande espectaculo.

Auctores portuguêzes, é tempo de trabalhar!

Não ha o direito de se não escrever para teatro sob o pretexto de falta de interpretes.

¡¿Quem representa assim merece ter que representar!

Tremidinho

### A nobre arte e a arte dramatica

N'um popular teatro de Lisboa, houve ha noites um combate de box em 5 «rounds». A luta teve lugar entre dois pezados, um da primeira categoria e outro da «serie» D, e disputou-se uma bolsa de 3 contos oferecida pelo ilustre actor Rafael Marques.

### 'As duas metades' do Nacional

Pessôa muito chegada ao Teatro Nacional, teve ha dias com um societario o seguinte dialogo:

—Que é isso de «As duas metades» que estão a ensaiar?

—Ainda não percebeste!? Homem! uma metade é o Clemente, a Ester Leão o Ribeiro Lopes e o Joaquim de Oliveira que querem, por força, dar uma orientação nova á casa de Garrett, e a outra metade é a Maria Pia, a Palmira Torres, a Albertina de Oliveira e o Luiz Pinto, que entendem que assim é que a coisa vae bem!

Ora, com esta resposta do dignissimo «encravado», chegamos á conclusão de com duas metades tão diferentes, como se pode conseguir um «todo» que sirva para alguma coisa?

### Criticas a rir

Na proxima semana, vamos iniciar as nossas criticas teatraes a rir. Esse trabalho será feito pelo ilustre e abalisadissimo homem de teatro e nosso intemerato colaborador «Tremidinho» já conhecido nos palcos portuguezes pelo «Terrivel Tremidinho».

Sem ofensas para ninguem, mas dizendo a rir o que é feio e perigoso, (por razões de ordem alimenticia,) dizer a serio, as criticas a rir, vão por certo, alcançar um enorme exito.



**S. Carlos** — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga — «Principe João». Estrondoso exito.

**S. Luiz** — Duas zarzuelas: «A canção do Olvido» «Montaria».

**Trindade** — «Madame Pompadour» opereta colossal atração.

**Avenida** — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

**Politeama** — Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro «Raparigas de hoje».

**Eden** — Todas as noites a revista «No Paiz do Tirismo».

**Nacional** — «As duas metades» com optimo desempenho.

**Apolo** — O «Saltimbanco» pela companhia Berta de Bivar Alves da Cunha.

Ano I—Numero 45
O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

# O HOMEM QUE PASSA

***Deliciosa pagina onde se descreve, em sintese o pequeno e encantador episodio que com o mesmo titulo foi representado no Teatro Nacional, com grande sucesso de critica e de publico.***

Leitor, tu conheces, os novos ricos. O que talvez não conheças, porque eles são humildes flôres de sombra e de modestia — são os novos pobres. Quantos lares ha que não são para os teus olhos mais do que duas janelas fechadas nas suas cortinas brancas de folhinhos—e, no entanto, para além da tranquila honestidade dessas vidraças cerradas, quanta lagrima se não esconde, quanta miseria que não estende a mão, e quanta dôr que se não ouve, se arrastam na lentidão de cada dia e de cada noite!

* * *

A Graça era orfã de pae e mãe. São já raros hoje esses lares honestos de avó e néta.

Filha dum oficial do ultramar, Graça nascera em S. Tomé. Morto o pae regressaram a mãe e a pequena á metropole, e vieram juntar-se á velhinha que perdera o unico filho, e vivia num primeiro andar recolhido e pobre—mas florido de seus craveiros viçosos—á Costa do Castelo.

Foi uma triste tarde de lagrimas para a pobre velha quando se abraçou a nóra e á néta—e, para a saleta, com as economias dum ano, poude mandar-se fazer um grande retrato a «crayon», onde o oficial aparecia de bigode frisado, e feliz, sob um feltro largo de explorador e com o peito coberto de medalhas bem ganhas.

Mas a mãe da creança trazia as febres e entrou de emagrecer. Queimaram-se em inuteis quininos o fio de oiro do casamento e uma ou outra joia antiga que vinha dos avós. Pouco

*Heroicamente. sobre a maquina de costura, trabalhava todo o dia..*

a pouco a doença a avassalou, até que uma tarde, na carreta humilde do hospital, sem acompanhamento e quasi sem flôres, o seu anonimo caixão subiu a ladeira do Rato a caminho dos Prazeres...

* * *

Ficaram avó e néta sós, entregues uma á outra na voragem da vida,—uma abrindo para a luz os seus claros olhos de casta virgindade, outra cerrando-os na nevoa da canceira e das lagrimas sem fim. Fecharam-se mais as duas na pobre casa.

Foi preciso trabalhar. Trabalhar muito, nas interminaveis noites de invernia, ou nas tardes doiradas de verão. E, então sobre a maquina, corajosas e conformadas, as duas, como formigas pacientes, armazenavam as migalhas arrancadas ao duro egoismo dos homens com o suor de cada dia.

* * *

A mocidade de Graça floria. Eram já os túmidos seios sob o colete, a estalarem como flores cheias, e nos olhos cilios roxos das primeiras olheiras, iluminavam a frescura perturbante e dôce da sua pele morena—suave como pétalas. Veio um dia, em que outros dois olhos, largos e negros, fixaram os seus. Nas suas pestanas, compridas como baionetas, o esmalte das pupilas fuzilava.

E ela prendeu-se daquele perfil moreno e severo, que a olhava sem rir, mas onde havia doçuras infinitas na curva fina da boca, e onde a barba, aspera e azul, punha manchas viris de bronze romano.

A's noites,—depois da avó saber,—Graça vinha para a sacada, que era do lado mais baixo da casa, e falava, quando a rua era só, ao Carlos, entalhador de seu oficio e encarregado da oficina dos moveis antigos, á Feira da Ladra, a Santa Clara.

Que noites de quente silencio, com êle em baixo, perdido, os olhos lançados á sua figurinha quebrada pelo peito na grade da janela; que noites de murmurios dôces e infinitas promessas e intimas ternuras, e lagrimas e pequeninos amuos—naquela travessa solitaria da Costa do Castelo á luz azul e clara das noites de Lisboa, com o harmonium do padeiro da esquina a gemer o fado, e as serenatas de «sol e dó» da rapaziada do bairro em plangentes passeios pelas ruas desertas...

* * *

Era pobre mas era feliz aquele pequenino primeiro andar...

Graça ia ser pedida. Ao principio a avó ainda disse:

—Minha filha, o Carlos marceneiro é um operario, e tu és filha dum oficial. Ele não tem a tua condição.

Mas o Carlos era bom. O seu olhar sereno e forte inspirava confiança e a pobre Graça não tinha aspirações que não fossem o calor daquele coração.

A velhinha acedeu. Um domingo, quando voltavam da missa, o rapaz trazia-a pelo braço, e nessa tarde ao canto da janela, entre a meia sonolencia da avó, ele beijou-a, louco, na nuca, sobre a penugem dourada do pescoço...

* * *

Aproveitou, a avó, aquele dia para sair. «Ir á baixa» era um acontecimento.

Havia largos dias que ela se preparava para aquela audaciosa acometida. Queria ir sosinha! Era o presente da Graça. Tinha feito planos sobre planos. Resolvera-se no fim a ir á Rua da Palma, onde o oiro é mais barato, comprar-lhe um anel. Logo de manhã se estendera o mantelete sobre a cama, e houvera alvorada. Arripiara cuidadosamente da testa o cabelinho branco como prata, e depois do almoço, escovada, brilhante nos seus vidrilhos antigos, a maleta grande e a sombrinha dos domingos, ela ahi vai, apanhando a saia á moda antiga, e pisando cuidadosamente o passeio com os seus sapatos de lona preta, rasos e folgados por causa das varizes.

* * *

A bôa velhinha correu todo o dia, de loja em loja, separando-se com tristeza daquelas montras ricas onde ficavam todas as coisas lindas que ela não podia levar á «sua Graça». Queria um anel simples, pobre, mas forte como aquele amôr que ela lhe tinha. E oferecia em troca a sua cruz de oiro, que lhe viera da mãe, e era a unica reliquia que a fome dos maus dias lhe não levara.

Mas valia pouco. Estava gasta e velha. Meteu por fim, quasi á noite a Santo Antão. E foi numa casa nova, que abrira com grandes numeros pintados nos passeios, que um caixeiro se condoeu da sua simplicidade e lhe fez a transação.

Tinha anoitecido. Choviscava sobre o Rocio lamacento. Os carros cheios, os automoveis e os trens cortavam a praça. Nas paragens ia uma lucta terrivel. Parou á esquina dos electricos para a Graça. Havia uma multidão. Um, dois, cinco carros seguiam, com homens brutos que a sacudiam na anciedade dos lugares. Os seus olhinhos espertos, estavam já trémulos e febris. Apertou contra o peito a maleta negra de coiro. Chovia mais. Humidos, os

*»Um homem que passa», acerca-se e levanta-a.*

pés regelaram-lhe. Mais um carro, mais empurrões, mais gente. E as horas a passarem! E Graça, com certeza, em cuidado com ela! Os olhos brilharam-lhe de lagrimas. Mas um novo carro surge. Tenta um esforço. Vai já na onda imensa que trepa, sofrega e brutal. Cai. Espesinham-na. O seu mantelete dos dias solemnes enterra-se na lama. Rasga-lhe a saia o pé dum soldado; pisam-lhe as mãos, resvala-lhe a maleta sobre uma poça d'agua. Grita.—Meu Deus! Que é isto?!—Mas o salva-vidas do carro, violento, na curva, empurrou-a sobre a valeta. Foi tão dolorosa a pancada no peito, que a cabeça, esvaída, tombou-lhe no hombro

* * *

Alguem a ampara. E' um homem magro, alto, elegante e discreto. Vira a scena toda de dentro dum automovel. Viera á rua erguê-la. Chega-lhe agora um frasco de sais.

—O que é que tem? Onde móra...

E ela lá explica, e pede: E' á Costa do Castelo... Tenham dó dela.

Ele mete-a no carro.

Veloz, o automovel sobe a encosta. A avó conta, convulsa, a odisseia daquela noite.

—Não se aflija. Tudo se remediará. E na serena face do seu companheiro do acaso passou um sorriso de compaixão.

* * *

Foi ela que exigiu que o homem subisse. Queria-o mostrar á neta.

—Ai, minha filha, ia morrendo. Tu sabes lá?! Parece que anda tudo doido! Se não fosse este senhor...

O homem ficara meio indeciso á porta. Relanceára dum olhar o interior da casa.

Tudo respirava aquela ordem unica das casas só de mulheres. Ele, viajado, rico, «blasée» de tudo e de todos,

(CONCLUE NA PAGINA 9)

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

# A extranha esmeralda da ourivesaria Leitão

***Historia verdadeira que o leitor poderá saber facilmente a autenticidade.***

JÁ os antigos atribuiam ás pedras preciosas faculdades de bôa e má ventura. E' coisa assente que os topasios não dão sorte a quem os uza e que a celebre ametista de Napoleão foi, no dizer de muitos, a razão de Wagram e Iena, e a sua perda a causa de Waterloo!

Simples legenda inventada pela superstição dos povos ou casos historicos que a sciencia ainda não poude explicar? Banal expressão de uma religiosidade fetichista ou verdades que o homem não consegue descobrir?

* * *

Trepávamos os dois o Chiado, naquela hora triste da tarde em que tudo se envolve duma côr violeta.

Os automoveis passavam, num matraquear nervoso de ferragens; para os lados do Camões a pardalada, piava em busca de poiso entre a folhagem, e a tarde caía melancolicamente, afogando em tristeza a vida inquieta da cidade.

Algumas mulheres passavam, espalhando perfumes mornos; acendiam-se as primeiras luzes das montras, e do mar o grito agudo duma «sereia» de bordo, furava o ar, num apelo desconhecido.

—Não sou dos que acreditam em patranhas, mas ha casos...—e o meu amigo, parando bruscamente fitou-me: —Tu acreditas na influencia das pedras preciosas?

—Conforme a influencia! Bem vês,

*—Entra e pergunta quanto custa!*

se te referes á influencia que os brilhantes representam quando ha necessidade de os reduzir a dinheiro...

—Falo serio! Pergunto se acreditas que uma simples pedra preciosa, possa ter uma acção definida na bôa estrela de um individuo!?

—Eu te digo... nunca estudei o assunto, mas tenho ouvido dizer que a ágatha...

—Pois eu já estudei o assunto... e não compreendi coisa alguma! Simplesmente constatei factos que a minha razão não explica!

—Homem! Conta lá isso, que me interessa!

—Vem daí!—e o meu amigo tomou-me rapidamente o braço e levou-me ao Largo das Duas Egrejas.

Parou em frente da montra do Leitão e apontou-me uma linda esmeralda, solta, sem qualquer engaste ou enfeite, que sobre um pedaço de veludo negro, parecia viver em scintilações maravilhosas.

—Vês aquela esmeralda?

—E' linda!

—Entra e pergunta o preço!

—Para quê? Não a tenciono comprar!

—E' uma experiencia! Pergunta!

Entrei na ourivesaria. Um empregado veiu solícito.

Desejava saber o preço daquela esmeralda!

—Um momento!—e o empregado foi dizer qualquer coisa ao gerente que, subitamente me fitou.

—Que desejava?—perguntou o gerente olhando-me muito.

—Qual o preço da esmeralda que tem na montra?

O gerente fixou-me mais e, depois, pouco á vontade, contrafeito, respondeu:

—Não... não se vende! E' só para exposição!

Voltei á rua e contei o caso ao meu amigo. Ele sorriu e respondeu:

—Já o esperava! E' que já sabem a historia da esmeralda da «capelo»!

* * *

A uma meza da «Marques», entre duas chicaras de chá fumegante, o meu amigo contou:

—Quando o Fernando Luiz embarcou para Gôa, eu fui um dos poucos que lhe apertei a mão. Ia para uma estação de trez anos a bordo da «Patria»! Só voltou cinco anos depois e fabulosamente rico!

* * *

Segundo ele, as noites da India são qualquer coisa de fantasticamente belas! Um ar quente que acaricia a pele, a vegetação exuberante que ondula com a brisa fresca cheia de perfumes, a calida temperatura da região, acordam nos sentimentos romanticos, vibrações de extranho idealismo!

Fernando Luiz, habituára-se áqueles passeios noturnos para fóra da cidade, seguido apenas por um creado! A sua alma de meridional apaixonado extaziava-se, endoidecia de espiritualidade naqueles passeios lentos, entre as copadas arvores da India, sorvendo avarentamente aqueles perfumes extranhos dos frutos maduros que, formando cachos de pedras preciosas se banhavam no luar forte e macío!

Uma noite...

Uma noite Fernando Luiz, embriagado por aqueles encantos, embrenhou-se mais nas florestas! Quando reparou que era a primeira vez que trilhava aqueles caminhos quiz voltar para traz, mas, o emaranhado das arvores, a falta de pontos de referencia, tolheram-lhe os passos! Estava perdido no meio de arvores gigantes!

Calmamente, como puro cerebro do seculo XX, Fernando Luiz, escolheu uma pequena clareira pensando em esperar o nascer do dia para então voltar para a cidade. E já acamava algumas folhas caídas, quando, subitamente, ouviu a distancia uma musica exquisita, uma melodia extranha, doente, sem grandes sons, que fazia lembrar o sopro macio da brisa nos bambús gigantes dos lagos!

* * *

Guiado pela melodia extranha, Fernando Luiz embrenhou-se mais no emaranhado da floresta e, a custo, poude enxergar uma pequenina luz! Ao lado, ajoelhado, estava um vulto de mulher tocando num instrumento tosco.

Fernando Luiz parou maravilhado! A mulher era duma rara beleza e... em frente, encantada pela melodia, ondulando, embalada pelas notas doces, uma «capelo» horrivel, uma enorme serpente, a mais terrivel de toda a India!

Fernando Luiz não poude reter um grito e...

* * *

De um salto, a «capelo», num silvo aterrador, enfurecida, apanha Fernando Luiz pelo peito, e crava-lhe o «dente» mortal na face. Um grito horrivel acorda os ecos da floresta, e Fernando Luiz, os olhos estoirando de terror, as mãos crispadas, tombou sobre a relva fresca!

* * *

Já o sol doirava as folhas largas das palmeiras, quando Fernando Luiz abriu os olhos. Ao seu lado, fitando-o muito, uma indiana formosissima apertava-lhe as mãos.

Fernando Luiz olhou-a sem com-

*—a seu lado uma indiana de olhos negros como amoras maduras...*

preender. Ela apontou-lhe a *capelo* adormecida sobre uma folha larga e disse-lhe num dialeto portuguez-indiano:

—Para que vieste surpreender o que não podes compreender? Homem branco! Não voltes mais a acordar os misterios das florestas! Estás salvo! Segue aquela vereda! Não tornes mais a acordar os misterios das florestas!

* * *

Quando Fernando Luiz chegou a casa e tirou a facha que tinha amarrada á face, deparou com uma pedra verde, muito linda, maravilha de côr que lhe encobria um pequenino ponto vermelho da face! Era uma esmeralda!

Dias depois, n'uma viagem que fez a Macau, ganhou uma fortuna no «Fantan». Voltou á Patria. Aqui apaixonou-se e casou. Durante anos foi d'uma felicidade pasmosa! Até que um dia, por engano, a mulher, pretendendo desfazer-se de umas tantas joias, vendeu sem querer, a esmeralda misteriosa!

Pois meu amigo, desde esse dia Fernando Luiz viu apagar-se a sua estrela, a tal ponto que ha dois mezes meteu um tiro na cabeça, afim de fugir ás responsabilidades de uma falencia escandalosa!

* * *

—A esmeralda?

—E' a que te acabam de dizer no Leitão, que não se vende...

# PASSA-TEMPO

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

***PROBLEMA N.º 44***

Por A. Ellerman (1.º premio 1919)

Pretas (10)

(Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

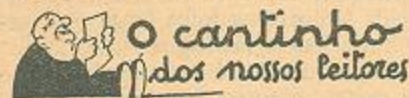
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 42

1 D 6 D

Tema de desobstruição ou de vacatura de casa. Este é um dos primeiros exemplos. Ha numerosa variedade de chave de Brede, mais de 200 problemas.

Resolveram os srs. Marques de Barros, Vicente Mendonça, Francisco Peixoto filho (Tortozendo), Pintainho (Porto), e L. Ferro.

Recebemos o 3.º Cahïer trimestrel de l'Echiquier Français.

Aconselhamos esta Revista aos amadores. Assinatura 12 francos por ano. Director Gaston Legrain. Rue de Rome (8.º) 14, Paris.

Leitor! Leitora! Leitorsinhos!

Ides ter aqui o vosso cantinho. Pequenas conversas. Futilidades e coisas uteis. Anedoctas e conselhos. Podeis vós proprios ensinar-vos uns aos outros. *O Domingo* é vosso—para vós existe. Assim, se qualquer leitor tiver uma anedocta, uma receita, uma curiosidade, uma ideia, um alvitre, queira mandá-los ao *Domingo*, num simples postal. Aqui tudo que merecer interesse será publicado. Preguntas, conselhos, chistes, graça, historia e poesia, *de tudo um pouco*, nesta pêle-mêle da vida, entreter-vos-ha a meia hora de descanço do *Domingo*. Entrai pois, leitores, como em vossa casa...

A origem da palavra *restaurant* é curiosa. Até 1765 não havia em Paris casas de comida feita. Existiam lugares de venda de bebidas onde cada um que levasse comida podia abáncar. Eram imundas tascas. Um homem, Gabriel Sauverin, lembrou-se de abrir uma casa de venda de comida feita, e fez uma linda taboleta com os dizeres:

«Entrez messieurs! Je vous restaurerais!

O exito foi absoluto, e todas as futuras casas identicas, foram «restaurants».

AS colunas que estão na fachada do Teatro Nacional, segundo a opinião do arqueologo Matos Sequeira, foram feitas para a fachada do Convento de S. Francisco, sob projecto italiano, mas nunca ali chegaram a ser colocadas. Foi, partindo de preferencia dessas colunas, portanto, que se desenhou o edificio do Teatro Nacional.

Segundo as estatisticas dos cemiterios de Lisboa ha quinze anos que morrem sempre em Lisboa mais mulheres do que homens, numa diferença crescente.

Daudet, que durante o celebre julgamento das ultimas semanas, em Paris, teve tres scenas de pugilato apesar dos seus setenta anos, ainda recorreu da multa de 1.500 francos. Porém, no dia da condenação, na redacção da «Action Française», distribuiu 10.000 aos pobres religiosos.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI-FERA***

## QUADRO DE HONRA

20 DECIFRAÇÕES (Todas)

*LHÁLHA*

*BISTRONÇO E ROBUR*

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 43

## QUADRO DE DISTINÇÃO

16 DECIFRAÇÕES

*LOPES COELHO e ARIEDAM*

15 DECIFRAÇÕES

*ERRECÉ*

DECIFRADORES DO N.º 43

OUTROS DECIFRADORES:

*PATO BIGAS, L.da, 13 — MIDA, 10*
*D. GALENO, 10*

***DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:***

1 Pennada—2 Guaia—3 Moçoco—4 Multivago—5 Regato—6 Cada—7 Peta—8 Ribomba—9 Rendor—10 Mostacho—11 Semi-divino—12 Estolido—13 Solapar—14 Rafa—15 Hiante—16 Typhomania—17 Hilario—18 Atafona—19 Tentadora—20 Moleque.

CHARADAS EM VERSO

*[Retribuindo á insigne confreira* Zelia Borges*]*

(1) A atenção que a Vocencia despertou
a sorte que irei ter no tal duelo,
causou-me certo *amuo*, e vendo estou—2
que sou feito em cinza, a pó ou farelo

«Bistronço» nas charadas é avô!
*Respeito*-o como tal, pois sou singelo.—2
Por isso eu bem sei que breve vou
ser vencido e metido num chinelo.

Mas o lamento seu d'algures vem
ferir-me muito mais, porque tambem
me vejo de Vocencia muito longe.

«Zelia», se continua, sou derrotado!
E' p'ra deixar de andar apoquentado
antes quero viver *vida de monge*.

LHÁLHA

*(Ao amigo Eduardo Pedro Gomes)*

2) Oiça-me *a mim* «Toutinegro»,—1
Bem pode fechar-se em casa...
*pois* se o «Orlando» o apanha,—1
certo lhe parte uma aza.

E depois... tira-lhe as penas
p'ra que possa aparecer,
o passaro que se esconde,
e que deve conhecer.

E no fim de conhecido,
com certeza não se salva,
pois ele, aqui lhe porá
á mostra tambem, a *calva*...

RUBOR

*(Ao grande* Toutinegro, *retribuindo)*

3) Sob a mascara de novato te ocultas,
Ilustre charadista *d*esta grei!
—Quem sois?—Um passarão que me facultas
*ensejo*, p'ra te dizer o que sei.—2

Antes que apontes d'outros os defeitos,
toma por tema sempre este conselho:
—Repara nos teus modos e trejeitos,
quando te vires diante dum espelho.

Mas caso o não tenhas, vai a um «rio», 1
em cujas aguas te podes rever.
Para futuro pois, não digas pio,
que eu se quizer, tambem tenho *poder*...

ORLANDO-O-PALADINO

*(Ao insigne* Rei-Feira, *agradecendo a sua extremada gentileza)*

(4) *Do coração* agradeço—1
A produção oferiada,
As palavras não mereço
Com que vinha epigrafada.

Deu-me trabalho afanoso
Deu-me *pena*, sofrimento,—1
Perdi *tempo* precioso,—1
Torturei o pensamento.

DEDICATORIAS:

Decifraram as produções que lhes foram oferecidas:

*LHÁLHA, ORLANDO-O-PALADINO*

DURAS DE ROER...

A n.º 6 «Dizedela» da autoria de «Lhálha, foi a produção menos decifrada.

CHARADAS EM VERSO

Dos dicionarios consultei
A nata, a elite, o escol;
Alfim o termo encontrei
N'um alfarrabio *hespanhol*.

REI-MORA

*(Ao* Dropé, *voltando á carga...*

(5) Calou-se, ficou mudo, o «Dropé»!
Não me sabem dizer, então, porque?
Entupiu, amuou com seis charadas
Que num dia lhe foram dedicadas!...
*Em* que consiste, amigo o seu saber,—1
Se nem *unicamente* resolver—1
Uma só conseguiu? Decerto então
P'ra responder, procura *ocasião*...

REI-VAX

CHARADAS EM FRASE

(6) Diz-*lhes* que o *animal* se dirigiu para *leste*.—1—1

(7) Um *brinde* feito sem *vontade* esquece *depressa* —2—2

Coimbra HICCO-ZONHI

(8) Descasco *até* a *derrota*—2—1

LHALHA

(9) Aproveitando a *folga*, o *oficial da galé*, adquiriu o vicio de *jogador*—2—3.

REI-MORA

***CORREIO DO***

MISTER MISTERIO.—Muito agradeço se digne enviar-me mais algumas produções da sua lavra.

D. GALENO.—Com bôa vontade e algum esforço creio que em breve poderá alcançar boas classificações. Agradeço a produção enviada a qual, após ligeiras modificações, farei publicar.

LOPES COELHO, ERRECE, REI-MORA, BISTRONÇO, ROBUR, LHALHA, TIO & SOBRINHO.—Quando se dignam enviar-me mais produções?

BIS-CONDES.—Estão a banhos?...

BRUTO.—Não quererá dar-me, tambem, o prazer da sua colaboração?

ORALHAS

Na produção n.º 14, a segunda parcial; em lugar de 2 leia-se 1.

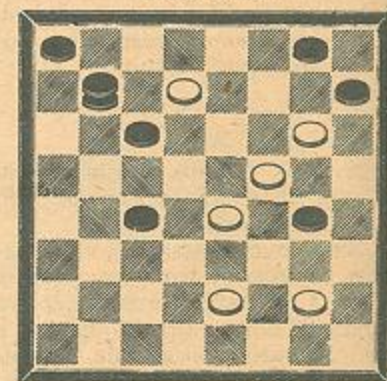
A n.º 19 é da autoria de Errecê, a n.º 20 é da autoria de A. M. C.

REI-FERA

*Solução do problema n.º 43*

| | Brancas | Pretas |
|---|---|---|
| 1 | 10-14 | 23-9-2 |
| 2 | 21-25 | 19-10 |
| 3 | 8-11 | 16-7 |
| 4 | 5-9 | 13-6 |
| 5 | 25-30 | |
| | Ganha | |

***PROBLEMA N.º 44***

Pretas 1 D e 6 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 42 os Srs. Artur Santos, Carlos Gomes (Bemfica), José Brandão, Mario Barata, Vicente Mendonça, Um oficial (Foz do Douro).

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo conhecido amador Neulame (Figueira da Foz).

Alguns amadores do jogo das Damas teem-nos pedido informações sobre livros que d'ele tratem, para seu estudo e distração. São muitos os livros, que conheço, em diversas linguas; mas os que mais facilmente poderão ser encontrados são os seguintes:

Espanhois:—1.º, D. Pablo Cecina Rica y Fergel, Médula eutropelica; 2.º, Tratado completo del Juego de Damas, Enrique Moya y Perez.

Portugueses:—1.º, Academia dos Jogos; 2.º, Jogo das Damas, José Syder, 1903.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

## O NOSSO FORMIDAVEL CONCURSO DE NOVELAS CURTAS

Continuamos hoje a publicação das novelas recebidas:

*Vingança de um homem que amou muito*, de Fernando Gonzaga.
*Uma vitima de amor* de Aureliano Felismino.
*Ludibriado*, por Um monstro.
*O Jogo*, de F. Bual.
*A hora do amôr*, por Lindorfe Ferreira Pinto Basto.
*Encontro funesto*, por Eusebio de Oliveira.
*Famintos*, por Americo Gomes Thalma.
*Um filho adotivo*, por M K.
*Tragedia da minha terra*, por M. K.
*Um telegrama que dava um romance*, por M. K.
*O terrivel ladrão e o cabo Simão*, por Reporter X P, T. O.
*O crime da Raiva*, por Domingos da Silva Tavares.
*Pai*, por A. I
*Abnegação*, por Judith Trigueiro.
*A Voz do Destino*, por J. Pedro.
*Amor que mata*, por Armando Rocha.
*Engano desfeito*, por Aual.
*Paulo o criminoso* por D. Simpatico.
*Sacrifio*, por Mar.
*A força da Verdade*, por Mota da Costa.
*O Velho dos Fantoches*, por M. C.
*Uma pobre suicida*, por Naivir Beirão.
*Tres ideias distantes... Uma acção derradeira*, por Avidha Trystt.
*Amor é sonho que mata*, por A. de Souza Lobão.
*Honestidade!...*, por um homem sem importancia.
*A morte dos mortos*, por José Augusto do Rosario.
*A historia daquele cachimbo*, por Barros da Fonseca.
*A morena de olhos pretos e chapeu vermelho*, por Cotrim Junior.
*Tragedia dum estouvado*, por M, B. F. C.
*Novela sentimental*, por Lagarto.
*Miss Satanas*, por S. S. G. P.
*Paixão tragica*, por S. S. G. P.
*Rosita, a cigana*, por Helder dos Santos Torres.
*O ultimo crime da legião*, por Frederico Candido Posto Junior.
*Os desamparados*, por Ida Kruger.
*Os tempos que passam*, por Laroque.
*O Palhaço*, por Antonio Augusto dos Santos.
*A Orfã*, por Jaime Macedo.
*O Engenheiro*, por T. S. F. (Madrigal).
*Mater Dolorosa*, por Gastão Martinho e Fernando Bandeira Tristão;

A novela que atribuimos a Guilherme Ramalheira é de Guilhermino, de Ilhavo.

# VARIA

## Grafologia

### RESPOSTAS A CONSULTAS

ZURC.—Inteligencia mediocre e pedante, sabe um pouco de tudo, quando o melhor é dizer como aquele sabio da «Grecia», que não sabia nada de nada, e por isso era sabio!, Pouco ou nada generoso, desconfiado, curioso, com boa memoria, ideias muito suas, tanto que chegam a ser utopias, espirito de contradição, bom diplomata quando quere, rajadas de colera.

«ROBINSON CRUSOÉ». Optimismo, ideias largas, nervos vibrateis, generosidade, pouca reserva, sentimento artistico, amor á leitura, idealismos, amor á música, caracter tão impulsivo que chega a ser quasi inconsciente como as creanças, desconfiança, curiosidade, audacia, sensualidade forte.

ACESNOF. MARIN.—Caracter bondoso... quando não tem que se vingar de nada, pois é inimigo de respeito..., muito sensual, mais paciente que empreendedor, espirito pratico, e interesseiro, memoria excelente para tudo, bom gosto estetico, amor aos livros e ás flores, orgulho de si proprio, habilidade manual.

«SOTAM É TODA A MINHA VIDA!».—Mundanismo, amor ás frases bonitas, tendencias á mentira, memoria esplendida, generosidade, caprichos, teimosias, energica e dominadora, amor «aos livros de amor», gosta de flores e de versos, e diz que tambem de creanças mas «la de dentro» bem sabe que não..., espirito religioso... acomodativo, bom gosto estetico, espirito critico, não inveja nada por orgulho.

ROUPINHO.—Equilibrio moral, bondade inata, ideias largas e humanitarias, generosidade bem entendida, curiosidade, bom gosto mas simples, pouco mudavel nos afectos e nas ideias, sentimento de poesia, boa memoria e melhor coração; é o primeiro caso, de ha já muito tempo para cá em que se pode ler na sua caligrafia, gratidão e reconhecimento reserva lealdade... em suma um dos caracteres mais formosos que tenho analisado.

IOTOFRE.—Caracter inflexivo e um tanto estouvanado, amante das frases, dos livros das aventuras... de tudo quanto lhe exalta o espirito que aliás se exalta facilmente, generoso, inteligencia intuitiva, valente, dedicado, um tanto religioso muito intimamente, bom gosto, amante da mentira sem consequencias, ciumento, orgulhoso, e um poucochinho vaidoso tambem, gestos vivos, amor á discussão.

«12 MARÇO 925».—Originalidade, ideias proprias, orgulho, vaidade, vivacidade, amor a frases bonitas, generosidade, em arte ama o exotico, sensualidade forte, esperto e bom conversador, idealismos inconfessados, optimismo, boa memoria, audacia, não lhe é facil voltar atraz a uma resolução tomada.

FAUSTO.—Caracter simples e sem complicações alto conceito de si proprio, bom gosto, generosidade bem entendida, ordem nas ideias e nos objectos, inteligencia assimilavel, boa força de vontade, não faz barulho mas quando se propõe uma coisa... vence, pratico e previdente, amor á musica sentimental, reservado, pouco cultivador de amigos.

UM QUE AMA UMA HERMENGARDA.—Espirito simples, quando se julga complicado, idialismos, pouco reservado, odio ao trabalho, mau gosto, vaidade intima bem dissimulada, habilidade manual, boa memoria mas não para o estudo, generosidade para os outros verem, ideias proprias e independentes, se fosse forte seria valente, e se tivesse talento seria bom diplomata, mente tanto que até mente a si proprio.

*DAMA ERRANTE*

### CONSULTAS PARTICULARES

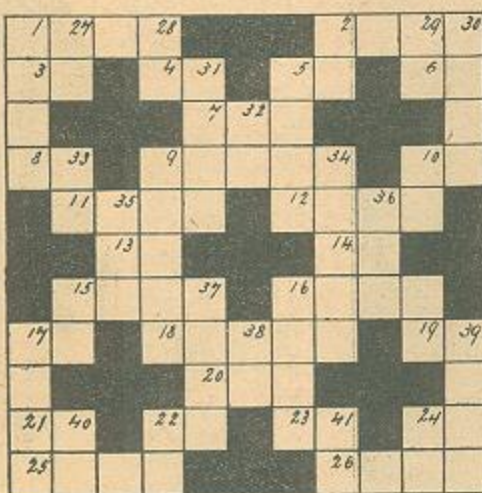
As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

**Quere saber o seu caracter As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—*«A DAMA ERRANTE»*.**

**RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA**

## PALAVRAS CRUZADAS

*o passatempo da moda*

### HORIZONTALMENTE

1—Cavaco 2—Mentira 3—Aqui 4—Nota de musica 5—Gemido 5—Em qualquer parte 7—Rio portuguez 8—Criminosa 9 (h. port.) Cabo de guerra 10—Batraquio 11 Combate 12—Brisa 13—Não 14—Nota de musica 15—Sina 16—Voltar para cima as abas do chapeu 17—Nota de musica 18—Embusteiro 19—Seguia 20—Palmeira 21—Batraquio 22—Elemento 23—Folga 24—Grito 25—Argolas 26—General romano.

### VERTICALMENTE

1—Ave 2—Nota de musica 5—Uma das cinco partes do mundo 9—Fardo 10—Batraquio 14—Nota de musica 16—Içar 17—Leão 22—Carta 24—Elemento 27—Aqui 28—Artigo arabico 29—Porque 32—Branca 31—Nome de mulher 32 Seguia 33—Duas letras de VELA 34—Ave aquatica 35—Ligue 36—Esteiro 37 Resistir 38—Terra portugueza 39—Juntar 40—Elemento 41—Particula negativa latina.

**Solução do numero passado**

### HORIZONTALMENTE

1—Corvo 2—Varas 3—Rico 4—Rima 5—Ar 6—Sorte 7—Ar 8—Vôa 9—Ara 10—Ata 11—Arminho 12—Ara 13—Ora 14—Avé 15—Ré 16—Porto 17—As 18—Tira 19—Casa 20—Estro 21—Coser.

### VERTICALMENTE

1—Cravo 9—Adora 10—Ama 16—Par 22—Oiro 23—R. C. 24—Vás 25—Are 26—Ri 27—Amar 38—Sarar 29—Retirar 30—Acaba 31—Ana 32—Morte 33—Resar 34—Reis 35—Vase 36—Aco 37—R. T. 38—As.

## O NOSSO CONCURSO

Excedeu todas as espectativas o concurso que abrimos para os problemas das palavras crusadas.

Vamos proceder á analise de todos os desenhos e, oportunamente, comunicaremos aos interessados os resultados do concurso.

## O HOMEM QUE PASSA

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

achára interesse naquela modesta habitação. Graça estava encantadora com o aventalito simples de cassa. Uma madeixa solta tomba-lhe sobre a testa, como um crisantemo negro e farto.

—Quero que tu o vejas bem. Foi este senhor!. Foi ele que me salvou! Foi ele que salvou a tua pobre velhinha! E as lagrimas cahiam-lhe dos olhos sobre o mantelete esfarrapado.

—Vê o que me fizeram... em que estado eu venho!

* * *

A avó foi mudar de roupa, e o senhor que esperasse um instante que ela vinha já!

O Homem entrou então.

E foi um dialogo de reticencias contrafeitas entre êle e Graça,—de perturbadora e infinita beleza naquela noite. Falaram naqueles minutos da vida de ambos. Ele confessou que a casa era encantadora e que aqueles bordados eram lindos. Ela sorriu. Aquele homem de luvas brancas e de bengala de castão de ouro, parecia-lhe um principe de fadas. Falaram da avó. Estava tão velhinha! Ela tinha tido um susto—e nunca esqueceria aquela generosidade. Assim, sem as conhecer... vi-l'a trazer a casa.

Perturbado, o homem, acercou-se dela...

—Vivem sós?

—Completamente sós!

Mas a velhinha voltava.

Não houve mais do que um olhar intenso, revelador de olhos com olhos, entre Graça e o Homem.

—Olha minha filha, disse a avó, vê se me arranjas uma gota de caldo—e talvez o senhor queira tambem...

Ficaram sós.

—Diga-me, como posso eu tornar a ter o anel... o anel da minha Graça, tinha-o comprado com tanto gosto... E se se puzesse um anuncio...

—Descance, ha-de encontra-lo... e o Homem tinha os olhos na porta interior onde Graça se sumia.

Sôa na rua uma argolada. Corre Graça, por entre os vidros, a prescrutar a noite.

—Logo a velhinha, toda a sorrir-se: —Anda doida, coitada... E' o Carlos, o noivo... o anel era a minha prenda...

Desenha-se na porta a cabeça do rapaz. Olham-se os dois homens em silencio, frente a frente.

E a velhinha que acompanha o seu imprevisto amigo tem um murmurio á saida. Ele descalçou uma luva para lhe dar um solitario que brilhava nos seus dedos magros.

—Ahi tem um anel para lhe dar...

* * *

—Quem é este homem?

—Sei lá! não é ninguem! E, tombando a sua linda cabeça sobre o ombro de Carlos, continuou, com os olhos baixos:

— Quando a avó estava no Rocio, um «Homem que passa...»

# Actualidades gráficas

UMA GRANDE ARTISTA

## BERTA SINGERMANN

*A notavel «diseuse» que deu alguns recitais no Teatro da Trindade, tendo um dos maiores sucessos artisticos dos ultimos tempos.*

## O ANIVERSARIO DUMA GRANDE TRAGEDIA

*O Comandante Sacadura Cabral, Heroi da gloriosa travessia aerea do Atlantico, e cujo primeiro aniversario da sua morte passou nestes dias.*

AS GRANDES PROVAS SPORTIVAS

## A II VOLTA DE LISBOA EM BICICLETE

*Quirino de Oliveira que ganhou a grande prova sportiva.*

## AS BELAS LETRAS

*Ferreira de Castro, notavel jornalista e novelista da geração moderna, e que acaba de lançar com grande exito o seu novo livro... «Sendas de Amor e Lirismo».*

## O FUTURO REI DE PORTUGAL?

*S. A. R. Dom Duarte Nuno, pretendente ao trono portuguêz, gentilissima figura de principe que altos professores preparam no estrangeiro para a dificil missão de reinar... em que reino?*

## O HEROI DO DIA: JUNKERS

*A primeira aterragem do avião gigantesco «Junkers», no campo aeronautico de Alverca. O «Junkers» tem voado estes dias sobre Lisboa, tendo toda a população admirado a pericia dos habeis pilotos e a linha elegante do chamado «gigante do ar»*

# PUBLICIDADE



*BREVEMENTE A*

**A Novela do DOMINGO**

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

## A bordo do Junkers, como em nossa casa!

Em baixo corre Lisboa, com as suas maravilhosas sete colinas e as torres mais altas da Estrela e da Graça. A cidade, a mil metros, é um torrão de assucar ao pé dum fio dágua; os gazometros de Belem e as fabricas do Beato, parecem formigas a comer o torrão..